Fundo de Previdência Social Municipal de Boa Vista do Sul - RS

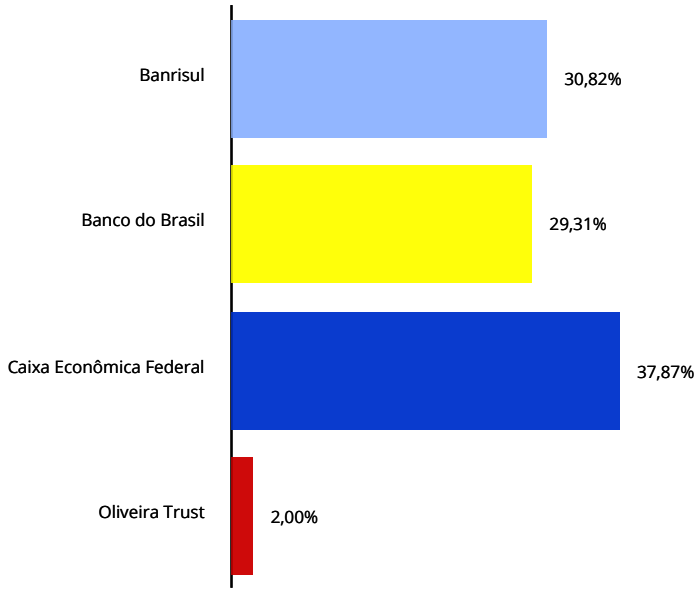
Relatório da Carteira de Investimentos

DEZEMBRO

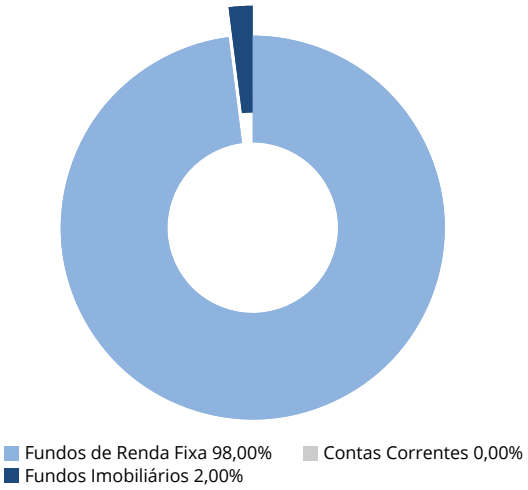
Os recursos do FPSM - Boa Vista do Sul são aplicados respeitando os princípios de segurança, legalidade, liquidez e eficiência.

A diretoria do Instituto, assessorada pela SMI Consultoria de Investimentos, vem buscando estratégias para que as necessidades atuariais do Instituto sejam alcançadas de acordo com os prazos estabelecidos. Neste mês a carteira de investimentos está distribuida da seguinte forma:

Distribuição da Carteira por Instituição Financeira



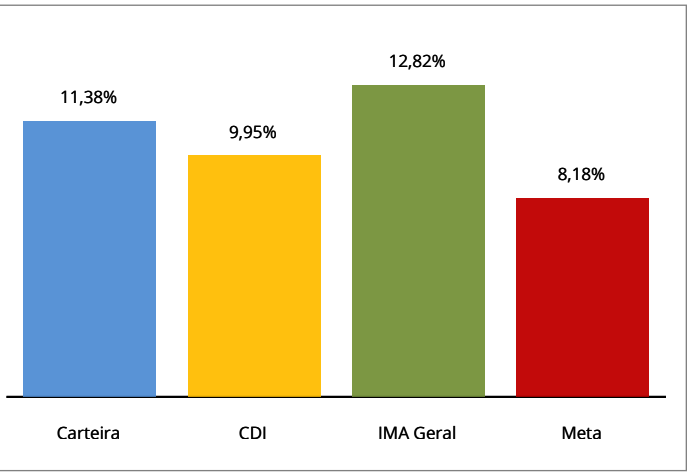
Distribuição da Carteira por Segmento



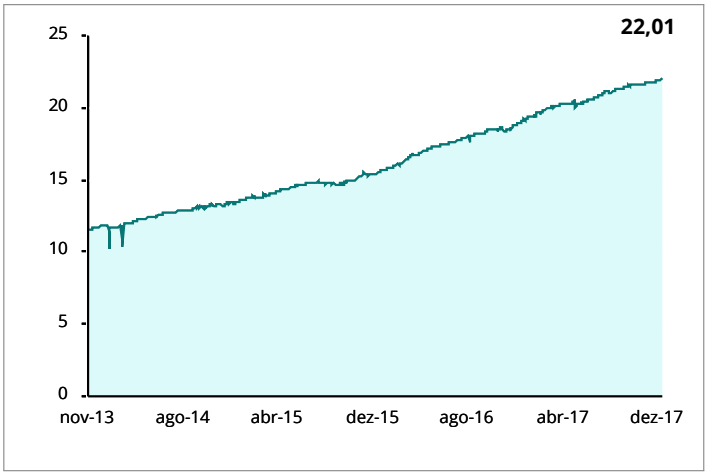
HISTÓRICO DE RENTABILIDADE

COMPARATIVO	NO MÊS	NO ANO	EM 252 DIAS ÚTEIS
FPSM - BOA VISTA DO SUL	**0,54%**	**11,38%**	**11,80%**
CDI	0,54%	9,95%	10,12%
IMA Geral	0,88%	12,82%	13,29%
Meta Atuarial - INPC + 6 %	0,75%	8,18%	8,27%

Carteira x Indicadores em 2017



Evolução do Patrimônio (em R$ Milhões)



Análise de Desempenho: A carteira do FPSM - Boa Vista do Sul tem como principal objetivo superar a Meta Atuarial.

SMI Consultoria de Investimentos
Fone: 48 3027 5200
www.smiconsult.com.br

Análise Macroeconômica

Na economia americana, em dezembro houve o aumento de juros derradeiro do ano, conforme já era amplamente esperado. Além disso, o congresso aprovou o pacote fiscal proposto por Donald Trump. A taxa básica de juros americana, assim, está no intervalo 1,25% a 1,50% a.a. No início de fevereiro deste ano, a presidente do Fed, Janet Yellen, deixará o Banco Central e em seu lugar entrará Jerome Powell, de perfil semelhante. A expectativa unânime do mercado, com a qual concordamos, é de três aumentos de juros em 2018, de 25 bps cada, colocando o juro ao final do ano no intervalo de 2% a 2,25% a.a. A reforma tributária pode trazer consequências altistas para a inflação americana no segundo semestre, o que pode aumentar os juros projetados para os anos seguintes.

Na Zona do Euro, a política monetária se manteve inalterada, enquanto as projeções de crescimento e inflação do Banco Central Europeu aumentaram para os próximos anos, corroborando os indicadores antecedentes (PMIs) nos recordes de mais de 10 anos. O crescimento de 2018 da região deve ficar entre 2% e 2,5%. Na China, os dados de atividade seguem indicando o país em crescimento, com tendência de moderação ao longo dos próximos anos.

Na economia brasileira, em dezembro houve um novo adiamento da aprovação da Reforma da Previdência. O Senador Romero Jucá (PMDB-RR), braço-direito do presidente Michel Temer, antecipou-se a outros aliados ao afirmar que a reforma ficaria para fevereiro de 2018. Nos primeiros dias após o anúncio, o mercado reagiu negativamente, mas o bom humor voltou com a notícia de que o ministro da Fazenda, Henrique Meirelles, teria conversado com as agências de rating, pedindo a elas que a decisão sobre o rating soberano ficasse para depois de fevereiro. O grande temor era de que as agências rebaixassem o rating do Brasil, deixando-nos três degraus abaixo do grau de investimento. Naturalmente, esta mudança de rating traria menos impactos para o país em comparação à perda do grau de investimento em setembro de 2015 – no entanto, deixaria claro que o prazo para recuperação da nota ficaria ainda mais longo.

A notícia da conversa trouxe certa tranquilidade aos mercados, e deve dar condições para que a política monetária siga em processo de afrouxamento. Como a taxa de câmbio vem oscilando pouco, no início de fevereiro, a taxa básica de juros, Selic, deve ser novamente reduzida, de 7% para 6,75% - tornando-se o novo recorde de menor juro da história do país. Essa expectativa foi corroborada pelo último Relatório Trimestral de Inflação de 2017. O RTI indicou inflação em torno da meta em 2019 e 2020, abaixo em 2018 e, como já é sabido há algum tempo, abaixo do piso da meta em 2017. Embora a política fiscal não tenha trazido muitas alegrias, a política monetária é, de longe, o principal motivo de comemoração.

Em 2018, o cenário pré-eleições tende a ganhar cada vez mais relevância. Em dezembro foi marcado o julgamento do ex-presidente Lula em segunda instância, após a condenação na primeira instância pelos crimes de corrupção passiva e lavagem de dinheiro, relacionados ao tríplex no Guarujá. O julgamento ocorrerá no dia 24 de janeiro e a ampla expectativa é de condenação, provavelmente por 3 x 0. Embora haja divergência entre especialistas sobre o momento em que Lula será impedido de concorrer à presidência, há relativo consenso de que, se a condenação for unânime, o ex-presidente não poderá concorrer às eleições. Dessa forma, o pior cenário para 2018 (a vitória de um candidato populista e de esquerda) parece cada vez mais estar distante de se realizar. Enquanto isso, o candidato "populista de direita" (Jair Bolsonaro) tem se movido em direção ao centro em temas econômicos. Desta forma, riscos de medidas extremas e avassaladoras - como o calote da dívida pública - serem tomadas, vêm se reduzindo. A melhor alternativa seria o fortalecimento de um candidato novo, com um discurso econômico comprometido com a estabilidade macro e a realização de reformas microeconômicas. Por enquanto, ainda não se sabe se este candidato surgirá e terá projeção.

Renda Fixa

O cenário internacional se manteve estável no mês de dezembro, sem surpresas. O FED aumentou os juros como esperado. A aprovação da Reforma Tributária e os dados melhores da economia americana contribuíram para uma certa apreciação do dólar em relação às demais moedas. No cenário local, o adiamento da aprovação da Reforma da Previdência trouxe uma certa tensão, pois há uma grande dúvida de como esse assunto será tratado em ano de eleições presidenciais, embora o governo tenha um discurso de colocar para votação em fevereiro de 2018. A corrida eleitoral ainda está bastante nebulosa, com candidatos extremistas apontando nas pesquisas. Mas a maior dúvida é se o Lula disputará ou não as eleições. Essa dúvida, em princípio, acaba em janeiro, quando o ex-presidente será julgado em segunda instância.

Diante disso, o real se depreciou frente ao dólar. A moeda americana encerrou o mês com alta de 1,42%, cotada

a R$ 3,308. No ano, a moeda americana teve alta de 1,50%, apesar de ter apresentado alta volatilidade durante o período.

Mês de Dezembro foi marcado pelo otimismo no cenário externo com relação a aprovação da reforma tributária nos EUA, crescimento mais forte na Ásia e Europa e redução das tensões geopolíticas, fazendo com que as bolsas mundiais fechassem nos maiores níveis do ano.

No Brasil a desalavancagem dos players pela expectativa da não aprovação da reforma da previdência que deveria ocorrer neste mês, permitiu que o mercado brasileiro acompanhasse o otimismo mundial e terminasse o ano no melhor patamar do trimestre.

Renda Variável

O mês de dezembro foi marcado por uma menor aversão a risco de forma global e, por consequência, um rally de alta nas principais bolsas internacionais e também na B3. Por aqui o momento mais favorável da economia, um quadro de inflação mais benigno e o início do recesso parlamentar foram os triggers que sustentaram a alta de 6,13% em dezembro e 26,94% em 2017 para o Ibovespa, mesmo com a reforma da previdência sendo adiada para fevereiro de 2018. As Bolsas internacionais também tiveram bons desempenhos influenciados por bons indicadores de atividades na China com impacto direto nos preços de commodities, mas principalmente pela melhora da economia americana somado ao compromisso das autoridades monetárias na redução responsável e gradual do balanço do Federal Reserve e de ciclo de alta dos juros base.